

## EDITORIAL

Qual a potência do trabalho de campo em um Encontro Nacional de Geógrafos?

Iniciamos nossas discussões com a indagação se o trabalho de campo poderia possibilitar uma maior relação entre o encontrista, os pesquisadores convidados, os temas pesquisados e o próprio encontro.

Dela vieram outras...

Podemos separar o trabalho de campo para pesquisa, disciplinas e nos encontros?

Como pensar essa prática relacionada à formação do geógrafo, à pesquisa e ao ensino?

Quais são os reflexos do trabalho de campo na construção do conhecimento?

Identificar? Comprovar? Ilustrar? Observar a teoria? Desvelamento de contradições?

O trabalho de campo tem uma dimensão racional. E a dimensão emocional?

Como lidar com os imprevistos que o trabalho de campo possibilita?

Apenas o trabalho de campo garante uma boa análise ou entendimento de processos?

É preciso se deslocar para fazer campo? O que diferencia um campo da pesquisa em biblioteca ou arquivo?

O olhar é o sentido mais privilegiado durante o trabalho de campo?

E, por fim, problematizamos a máxima de todos aqueles que se colocam a pensar sobre essa prática: “O trabalho de campo é de suma importância para a Geografia”... Por quê?

Partimos do pressuposto que pesquisadores, professores e estudantes de Geografia têm um compromisso permanente com a construção e revisão do entendimento do mundo e da nossa sociedade. Por isso, a produção de conhecimento está necessariamente ligada ao exercício da crítica. Sem dúvida alguma, a reflexão teórica é parte imprescindível da negação das determinações das formas sociais. Por sua vez, uma nova consideração teórica transformadora está intimamente ligada a rupturas profundas na ação transformadora da pesquisa e do ensino.

Para superar as objetivacões que determinam e constituem o nosso cotidiano e que ofuscam a nossa vista e obscurecem o nosso pensamento se faz necessário um senso crítico das teorias e da história do pensamento geográfico como também uma perspicaz observação dos fenômenos empíricos, seus processos e movimentos.

Neste sentido entendemos o trabalho de campo como uma contribuição fundamental para a empreitada da crítica. Sabemos bem que esta atividade e suas conceituações também devem ser permanentemente e criticamente repensadas. Não se trata de uma prática enquanto encenação performativa apenas realizada por causa da sua existência tradicional na Geografia e nos Encontros Nacionais da AGB.

Assim, para organizar a atividade de trabalho de campo do XV Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em São Paulo no ano de 2008, nos reunimos em torno da ideia de que esta atividade deveria se constituir como parte mais integrada ao restante do encontro. Se nas origens dos congressos da AGB o trabalho de campo desempenhou um papel central e agregador, na história recente, mesmo com a preocupação acadêmica de seus organizadores e proponentes, ele tende a aparecer quase como um apêndice.

Assim, iniciamos nossas atividades na Comissão de Trabalho de Campo um ano antes do XV ENG tendo como princípio construí-lo de forma participativa em um constante esforço de aproximação entre proponentes, participantes e comissão.

Em função dessa postura, buscamos a presença de proponentes de variadas áreas da Geografia, vertentes teóricas e formações acadêmicas, o que resultou em um amplo leque de trabalhos de campo oferecidos, abarcando interesses distintos. E, tendo como preocupação a qualidade do desenvolvimento de tais atividades, uma série de procedimentos foi realizada como: reuniões entre proponentes e a comissão para decidir questões organizativas e fazer reflexões teóricas sobre trabalho de campo; a elaboração de cadernos de campo; a tentativa de estabelecer reuniões pré-campo entre os proponentes e os participantes de cada campo.

Diante desse processo de concepção e de realização dos trabalhos de campo no XV ENG, sentimos a necessidade de compartilhar essas experiências. Assim, primeiramente produzimos um relatório técnico publicado na Revista Terra Livre n° 34 e, posteriormente, iniciamos os esforços para esta publicação que seria composta por artigos escritos pelos proponentes dos trabalhos de campo como forma de partilharem as experiências e reflexões advindas de sua realização, se possível com a contribuição de participantes dos campos, não mais como uma comissão ligada à organização do ENG, mas sim uma Comissão de Trabalho de Campo da AGB - São Paulo. Tivemos a preocupação de contatar a totalidade dos proponentes para a realização desses artigos uma vez que queríamos que a diversidade dos campos realizados no encontro estivesse presente também nessa publicação. Embora nem todos os trabalhos estejam presentes aqui, acreditamos que os sete artigos que nos foram enviados são bastante representativos dessa diversidade.

Neste ano de 2011 retomamos o grupo dando continuidade às discussões e a esta publicação. A partir disso decidimos incluir entrevistas com geógrafos que tiveram e têm um forte envolvimento com a AGB e com o trabalho de campo. Tais entrevistas procuraram retomar um pouco da memória dos trabalhos de campo na AGB. O percurso histórico da AGB e dos trabalhos de campo se confundem e se articulam ao longo de todos esses anos de permanente atividade da instituição. A partir disso,

podemos refletir sobre a própria constituição da Geografia no Brasil e sua formação enquanto ciência. Isso porque as mudanças que aconteceram ao longo dos anos de atuação da AGB com relação aos trabalhos de campo, desde as expedições realizadas nos congressos e assembleias até os encontros que acontecem atualmente, refletem também as transformações que o pensamento geográfico vem passando. Dessa maneira, as diferentes formas de encarar o trabalho de campo estão intimamente relacionadas ao movimento do pensamento e da construção teórica na Geografia no Brasil.

É importante salientar que o presente Boletim Paulista de Geografia foi pensado e possibilitado pela frutífera relação entre a Comissão de Trabalho de Campo da AGB-SP e a Diretoria Executiva Nacional (DEN) da AGB, o que resultou no boletim em co-edição entre esses dois grupos.

Disso surge uma publicação plural que tem como preocupação central pensar o trabalho de campo junto à ciência geográfica e, mais especificamente, ligada à realização deste com os encontros promovidos pela AGB.

Este BPG é composto por três entrevistas realizadas entre os meses de abril e junho de 2011. É possível perceber, ao longo da leitura, que cada uma delas foi elaborada de forma diferenciada e se centrou em questões particulares que giram em torno da preocupação com o trabalho de campo. A primeira entrevista foi um descontraído diálogo entre Odette Seabra e Heinz Dieter Heidemann, que expõe questões sobre a relação do trabalho de campo na AGB e na formação acadêmica de cada um. Aziz Nacib Ab'Sáber foi nosso segundo entrevistado: deixamos que ele narrasse livremente os temas da sua histórica relação com os trabalhos de campo. Membro da diretoria executiva nacional da AGB, Claudinei Lourenço, envolvido na reflexão sobre o trabalho de campo na geografia, foi o terceiro entrevistado. Com ele a entrevista se deu de modo a explorar sua experiência agebeana e sua prática enquanto ministrante de disciplinas voltadas para a elaboração

e prática de trabalhos de campo que inclusive, juntamente com seus alunos, transformam os trajetos até os encontros de geografia em longos e aprofundados trabalhos de campo.

Além das entrevistas, como mencionado anteriormente, compõem este BPG sete artigos que surgiram dos trabalhos de campo realizados durante o XV ENG. Na autoria destes artigos - apresentados por ordem alfabética dos títulos - estão presentes estudantes e professores, geógrafos ou não, apresentando uma diversidade de visões de trabalho de campo resultante da diversidade de visões de geografia e de mundo que se tem. Vale lembrar que os editores não fizeram nenhuma intervenção nos artigos a seguir.

Abrindo a série de relatos dos trabalhos de campo, temos o artigo intitulado **O centro de São Paulo: um trabalho de campo no ENG** elaborado por Glória da Anunciação Alves, que discute a importância dos trabalhos de campo no Encontro Nacional de Geógrafos, bem como a realização dos mesmos enquanto um instrumento necessário e fundamental para o desenvolvimento das pesquisas na ciência geográfica. O campo percorreu as imediações da rua Barão de Itapetininga à praça da República, a área do triângulo histórico e tendo como ponto final o Mercado Municipal.

O segundo artigo, escrito por Déborah de Oliveira e Maria Daniely Freire Guerra, intitulado **Compartimentos geomorfológicos do Estado de São Paulo e alguns solos representativos**, discorreu a respeito do trabalho de campo que partiu do sítio urbano da cidade de São Paulo, seguindo para o oeste do estado até a cidade de São Pedro.

André Simões da Silva, preocupado em gerar a compreensão do que é o Hip Hop enquanto um movimento cultural dedicado à arte, propôs um trabalho de campo que englobou o centro da cidade de São Paulo, o bairro da Vila Madalena e o município de Diadema e, deste surgiu o terceiro artigo **Hip Hop em Vias Urbanas**.

O próximo artigo, **Lastro Territorial do Processo de Produção e Circulação de Mercadorias na Formação da Chamada Região Metropolitana de São Paulo**, escrito por Felipe Saluti

Cardoso, Jenifer de Freitas Sabatini e Terezinha Ferrari, discute como ao longo do século XX se configurou a unidade contraditória entre as etapas do modo de produção capitalista (produção, circulação, distribuição e consumo) no movimento de expansão da economia industrial brasileira, sobretudo no caso da Região Metropolitana de São Paulo, a partir do trabalho de campo que teve como trajeto os municípios de São Bernardo do Campo, Cubatão, e a Vila de Paranapiacaba, no município de Santo André.

Odette Seabra e Lourdes Carril escreveram o artigo **Metropolização: a reprodução do urbano na crise da sociedade do trabalho**. Ele analisa o cenário urbano visualizado no denominado eixo de urbanização periférica: direção Sul - Sudoeste da metrópole paulistana. A atividade de campo partiu da estação de trem Cidade Universitária, se estendeu ao longo do canal do rio Pinheiros seguindo até a av. Luiz Carlos Berrini, passando pelos distritos de Santo Amaro e Jurubatuba e tendo como ponto final o bairro do Capão Redondo.

O sexto artigo, **Modernização e contradições espaço-temporais. Centralidades e periferias na metrópole de São Paulo. Três momentos, um percurso: aldeamentos indígenas, industrialização e periferia urbana** foi realizado por Anselmo Alfredo e Ana Cristina Mota Silva. A partir do trajeto realizado, que teve início no aldeamento de Carapicuíba, seguido de uma visita à vila operária Maria Zélia, no Brás e, por último, a um bairro da periferia, na zona Norte de São Paulo, o Jardim Damasceno, os proponentes refletiram sobre as determinações da simultaneidade que cada um desses lugares contém como fundamento da produção espacial desta sociedade.

Por fim, temos o artigo intitulado **O trabalho de campo no ensino de Geografia a partir da perspectiva de graduandos** assinado pelo grupo de estudos Geograficidade Paulistana, que tem como proposta o estudo das dinâmicas socioespaciais encontradas no centro histórico da cidade de São Paulo articulado à preocupação com o ensino de geografia.

No final desta publicação, apontamos também algumas indicações bibliográficas sobre o trabalho de campo. Vale destacar que alguns desses textos nortearam nossas reflexões desde o início. Esperamos, assim, ter contribuído para despertar o interesse no aprofundamento desta temática.

Boas caminhadas...

*Comissão de Trabalho de Campo da AGB - São Paulo e  
Comissão de Publicações da Diretoria Executiva Nacional*